



PANFLETOS DA NOVA ERA

Jorge Mautner

(1980)

ã
azogue editorial

I

INTRODUÇÃO

Mas ordens divinas me ordenaram. Foi num sonho: anjo Gabriel apareceu de astronauta cantando o: Herói das estrelas. Parecia uma ironia cósmica. Ele de asas-atômicas cantando música minha e do Jacobina! E notei que ao invés de anéis de saturno nos dedos conforme letra da canção, tinha asteróides e nebulosas girando ao redor de seu corpo e membros alados. Cor azul. Olhos roxos. Cabelos verdes. Espada de luz. Disse-me: — “Escreva, mesmo que seja chato, linear para os que ainda só entendem e se apercebem das coisas através dessa linguagem convencional e estratificada. Pela música é fácil, ou pela poesia, aí você está com Deus diretamente. Mas com a Razão é outro papo. É preciso de uma super-razão para aniquilar as gananciosas pretensões da razão-medíocre. É tua missão. Afinal, por que lestes tantos livros, filosofia, história, e fizeste política desde 14 anos 25 horas por dia? Depois de escrever tim-tim por tim-tim, tudo na língua dos caretas, você pode voltar a tocar violino e dançar pelas estradas do mundo por mais dez anos sem eu perturbar você com outra missão tipo-ensaio. Tchau. Vou para um festival rock-samba da Galáxia Órion”. E desde este dia, não descansei, enquanto durante todo ano de 1976 até 1977 (agora, julho) escrevia este livro. Suado, estaciono perante estas tecias amigas da máquina Remington bem antiga. Acho que por mais anti-histórico, eu vivencio por igual a História. Aquela que caminha paralela com as atômicas-eternas-paixões-existenciais e eis aí. Foi penoso. Mas a urgência de sua publicação é absoluta. E se fosse por uma editora com real poder de distribuição! Beijou, e abraços do Jorge Mautner, até mesmo em vós inimigos, que no fundo me amais.

Noel ecoa na voz de Aracy de Almeida, a eterna-magnífica-mitológica-universal. Rio de Janeiro: fronteira dos dois Brasis: o que tem um núcleo atômico na Bahia, e outro em São Paulo.

Mas não era sobre isso que eu ia falar. Era sobre algo que nem sei se julgo relevante publicar. Dúvidas Hamletianas? Monólogos estéreis? Ou da mais alta validade? Tudo junto neste imenso caudal de informações desencadeadas pós-mundo eisnteiniano. Em 1958 escrevi que a Nova Coisa nasceria do Brasil. Hoje, 1977, mais que nunca isso é um fato.

Mas, a emoção política (alevantada e realçada pelo presidente Geisel como necessidade de participação pátria) me faz editar coisas que ficam entre a paranóia e a fraternidade, entre a necessidade de ordem e o desejo infinito de liberdade, do sonho e do possível, de todas estas fundamentais em permanente agir, dentro e fora de nós, como indivíduos existenciais (sem História, a-Históricos, anti-Históricos) como seres ontológicos-mediúnicos-astronautas (Deus-Cosmicidade) e como seres de nosso terceiro estado, o do estar-aí-na-terra, a paixão, paixões, comungar, participar, o suado elo humano do trabalho, que é o único libertador nesse estado.

Em 1958 fui chamado de: socialista, socialista democrático, anarquista, fascista, totalitário de esquerda, de esquerda super-lógica, nacional, internacional, super-romântica, centro neutralista, Krishnamurtiano, místico-Ghandiano, populista, anarquista rural, anarquista urbano, anarquista-destrutivo (tipo Bakuniniano) anarquista pacifista (tipo Kropotkin: A conquista do Pão) surrealista, cubista, acadêmico parnasiano naturalista (copiava Billac e Guy de Maupassant para aprender a escrever... ah! e Padre António Vieira dos Sermões da quinquagésima! E é claro: evangelhos), romântico, só concretista não cheguei a ser, será que já havia algo no ar entre nós antecedendo todos os fatos? Mas sempre fui democrata da nova era. A democracia é a mais rara, complexa, delicada, sutil realidade a se construir eternamente em níveis cada vez mais elevados. Norman O. Brown disse que Atenas e Esparta são fenômenos que re-ocorrem sempre em nossa história. E acrescento: e sendo assim como explicar o pavor de saber que a própria Atenas sucumbe à tirania? Pois ela é quase um luxo, uma sofisticação real da vida, sua qualidade e intensidade. Anda junto com a harmonia e o equilíbrio. Inglaterra: vago exemplo? Condição de profundíssimo senso de medida (para os helenos medida era beleza) entre indivíduo e Estado, justiça social-econômica-espiritual. Poesia? Ecologia social? O mundo caminha para ela, ela terá diversas nuances e características em cada povo, nação, lugar. Porém,

será sempre o lugar preterido dos que amam a liberdade, que é indefinível como o mistério divino da qual é irmã. A liberdade que em Jesus se chama de livre opção, entre o bem e o mal, mesmo que estes estejam entrelaçados na equivocada leitura dos humanos por demais confiantes na tirania das palavras e suas descrições, rejeitando o fenômeno mais importante de informação cerebral (só agora pouco a pouco valorizado) da intuição, telepatia, ondas como as ondas do requebro do corpo e as ondulações da música de Dionísio, o deus embriagador que ressuscita eternamente, mais que a fênix, assim como nós, batalhadores da Nova Era do Kaos.

Eu, você, tu, e até mesmo quem, ainda nem nasceu (O Tempo verdadeiro da 4a dimensão engloba o Tempo tridimensional dos fatos Históricos, os dois tempos não se chocam, harmonizam-se por opostos, ecologia, sofisticação de contradições em termos de não-maisbarbárie!) operários, camponeses, acróbatas, estudantes, cientistas, amantes, inimigos, amigos, burros, sábios, débeis mentais, críticos de má fé, boa fé, etc, legião de seres de todos os nomes! Mulheres! pretos, cafuzos! Aleijados, discriminados sexuais, ou seu contrário: machistas fanáticos e sofredores também por causa disso, no renegado, porém, sempre presente oceano da memória inconsciente, o Id de Freud, todos os que nascem e morrem neste planeta terra, precisamos nos entender numa ecologia básica (por causa da premência da bomba A, até mesmo a URSS “genocida e nazista” segundo sua ex-companheira comunista China Popular, constatou isso com Krushev no XX Congresso do Partido) sobrevivência em termos gerais da vitória de Eros (vida) contra (Thanatos) não oprimindo Thanatos e assim enregelando a existência, mas englobando a morte como fator de incentivo à vida, como em Rilke, Freud, Marcuse, Brown, Nietzsche, Mautner, Jesus, o sim e o não andam juntos e abrem a porta da chegada do astronauta (bebê recém-nascido) e sua partida (morte, em New Orleans e partes da Ásia festejada como alegria máxima) para universos talvez iguais antes do seu nascer. E no plano nacional e cicatrização das feridas e do ódio superados pelo Tempo Histórico tridimensional, o surgimento de novas gerações, e a necessidade de reatualizar todas nossas instituições à luz atômica e dos direitos humanos, agora bandeira para todas as revoluções do futuro! Pós-aquariano este futuro. A revolução americana foi realmente a primeira. Indivíduo e Estado. Delicada

balança. Depois a Francesa a copiou já em tom distorcido, perigoso, sem o “common sense”, o pragmatismo da união de todas as classes como seria a marca registrada do verdadeiro populismo (antepor ao falso, ex do falso? Belchior), mas em Paris com guilhotina e partidos ideológicos a “literatura” e os exageros intelectualizantes já a distorcem, depois em 1917 abre-se o caminho para o Stalinismo que brota das maiores esperanças contrárias. Paradoxo: Trotzki é assassinado, Stalin triunfa. Seus resultados ainda ecoam por aí. Hoje, vamos voltar para as nossas Américas? Não somos os filhos inovadores do mundo? Da Europa? Da Ásia? África? etc. Cadê a coragem?

Assim sendo, digo: fabriquemos as planícies por onde a mútua compreensão cavalgará ao lado da tolerância spinoziana, respeito como diz Jorge Ben pelo próximo, isso anda junto com a redistribuição de renda!

II

Respeito às minorias, sexuais, e as a surgir. Como nomear o futuro? Certeza da irmandade, e os jesuítas e suas missões? E o carnaval, otimismo que se concentra necessariamente como chave necessária da passagem, da saída definitiva deste campo mórbido, fatalista, medieval que em sua caricatura final fabrica um Belchior como síntese disso aí, (e Raul Seixas o capta como “Choramingas”) para um otimismo criador, pujante, anticolonial, sem complexos de inferioridade, maracatu-atômico e além, sempre além! Para todas as direções! Absorvendo tudo. Construtivamente, porque nossa geração tem um abismo de diferença com todas as anteriores: pode destruir tudo. Talvez momento semelhante tivesse ocorrido em Atlântida, Creta? Mas é nossa responsabilidade agora. Somos um povo unido que inicia sua ascensão na época dos satélites e viagens espaciais. Como na época de Colombo e Cabral, as Américas modificaram a História mundial para sempre. E hoje, na entrada de 2 mil, mais poderosamente que nunca. E a parte do sul, terá dessa vez igual valor que a parte lá do norte. O supremo Renascimento, caravelas fizeram Santa Cruz, Vera Cruz, Brasil (triângulo, trindade mística num só corpo de madeira cor de fogo cobiçada pelos corsários da França) já é sempre tão paternalista como sutil em seu lance-dominío-linguagem-cultura racionalizante-a-favor-dela lógico! França.

Nota: Bertrand Russel quis bombardear a URSS e a China com armas nucleares após 2ª guerra mundial. Depois virou o contrário disso: Pacifista. Nós do Kaos, já nascemos pacifistas. É biológico-genético-DNA-RNA.

Pau Brasil! símbolo de nossa futura-contemporânea riqueza florestal AMAZONAS? mineral (quantos!) agropecuária-riqueza capaz de alimentar as esfomeadas bocas de um globo superpovoa-do malthusianamente. Que bom!

Quanto obrar positivo pela frente!

Quando meu 4º livro publicado (Ed. Von Schmidt SP) 1965, foi apreendido pelo DOPS antes do ato nº 5, fui acusado de subversão e pornografia. Capitães do Exército em corte legalmente estabelecida inocentaram-me. Mas durou certo tempo, aquele pesadelo kafkiano-burocrático. No DOPS em São Paulo o delegado geral me disse: “na tua ficha, consta que você é nazista e comunista, isso é loucura, acho que você não devia estar sendo interrogado aqui, mas sim por um psiquiatra”. Tremi, pois em tudo, como em Rashomon, o zen, o meus Kaos; a leitura é múltipla e o artista se apaixona por tudo mas só ama a liberdade! Respondi com texto zen. Taoísta, Yin e Yang antes da moda macro. Felizmente, me deram um chá bem quente lá no DOPS a imprensa me fotografou e o Ignácio de Loyola, colega colunista e escritor da Nova Era de S.P. (Bebel garota propaganda, um dos raros autores realistas que eu adoro, pois seu realismo é sutil como a sutilidade da imaginação), colocou meu retrato em cima do retrato do Jânio Quadros e este em cima do Jango Goulart, é como terceiro elemento a minha face com cabelos penteados com brilhantina e cara de rapaz de bem: o título era: 5 anos que abalaram o Brasil. Se puder publico neste livro. Acho-a significativa demais, talvez profética, quem sabe?... de coisas a vir, preparadas mais pelo Destino, do que pelo meu obrar.

Antes, em 1959, até 1963, eu tinha um Partido Político meu que era absolutamente meu e pessoal, inexplicável, era o movimento do Kaos, sobre o qual falo um pouco mais no artigo sobre Aguilar (reprodução de sua apresentação da exposição do MASP em S. P.) que foi fundador do Partido comigo. Astrólogos, loucos, mutantes, enfeitados, mongolóides, gênios, criadores, oportunistas (sempre os há em abundância) não classificados, novos, antigos e eternos, ateus, místicos, etc, ouvia-se rock e

samba. Legião de almas sequiosas e generosas, cada uma a seu modo. Houve até um líder advogado (estudante na época da fac. de direito de S.P.) Paulo Azevedo, que conseguiu “massificar, simplificar, objetificar” certas linhas do PK e conseguiu enorme e nova massa para o Partido. Eu temia grandes desvios ideológicos.

Noite após noite discutíamos, às vezes ferozes as discussões, acusava-me ele de elitista e “estrangeiro”, e eu a ele de “demagogo”. Nas horas doces, (que eram as de maior durabilidade), harmonia até mesmo telepática dentro de uma (organização!) política que era tudo menos isso, ou talvez a grande e verdadeira organização política do futuro-contemporâneo, pois tratava a liderança política como líder e médium, telepata, o Poder já foi descentralizado pelos cientistas, a Paz e Harmonia são as fundamentais do mundo atômico. Acho que um dia ressurgirá o P.K., se é que não continuou durante todo este tempo. Eu em palco cantando, sinto-me liderando (e sendo liderado) por massas, que se não primam pela quantidade, primam pela qualidade. E breve se multiplicarão.

Era um centro de diálogos sobre a filosofia original autêntica democrática dos novos tempos universais e brasileiros.

Em 1958, conheci o filósofo Vicente Ferreira da Silva (de quem Oswald de Andrade lamenta a perda da cátedra da USP quando de sua fundação) e incompreendido até hoje, talentosíssimo pensador nacional que misturava Heidegger e teorias suas de altíssima originalidade, (justiça lhe foi feita com a publicação de suas obras após sua morte pelo IBE, e pelos artigos do judeu-brasileiro-filósofo Wilhelm Flusser fenomenólogo husserliano). Além dos outros incríveis intelectuais que com Vicente sempre trabalharam e fabricaram a revista “Diálogo”. Foi este Vicente quem me disse ser eu o 19o verdadeiro bárbaro da nova cultura, Porque em mim sintetizavam-se entre outros fatores: informação de código-genético que incluía malabarismos pós-campos de concentração, o mestiço judeu que escapou, o jovem que com casaca de couro cantava rock e lia Heidegger. Heidegger sua paixão: lembro do dia que chegaram da Alemanha 2 grossos volumes de Heidegger sobre Nietzsche. Chovia. Ele perguntava: sobre o que você quer falar?” E ele falava de qualquer coisa. Da coca-cola ao futebol, passando por Lorca e Raul Bopp. Na véspera de Vicente apresentar-me a Flusser como o 1o bárbaro das cidades novas, faleceu em desastre absurdo na rodovia Santos-São Paulo, Paralelos com

Camus. Foi em sua casa que conheci Paulo Bonfim, meu maior incentivador. E esposa de Vicente, que se chama Dora Ferreira da Silva (tradutora e estudiosa de Rilke & Lawrence) me perguntava obsessivamente: “mas você é mesmo o bárbaro novo? Aquele que já não pensa sobre, premedita, ensaia, escreve, academiciza, mas é sua primeira aparição real?”.

Eu era bárbaro no sentido “ótimo” da palavra. “Doce bárbaro?” 1959. Eu temia seu elogio e adorava-o. Ambiguidade, simultaneidade. Einstein, Zen, Heidegger, o ser e o tempo, Sartre, o ser e o nada. Bergson: matéria e memória, o zen (tempo com humor e em flashes) Marcel Poust (tempo de supercronista social, tempo nostálgico chamado saudade, e tempo mautneriano : com batuque.

III

Lá (casa do Vicente) conheci Mano Matoso (arquétipos e Jung) Paulo Bonfim, Paulo Edmur de Sousa Queirós (que apesar de rápidas conversas muito me instruiu, inclusive um papo de suma importância depois (2 dias depois, 5 dias?) dos tumultuados eventos de 1964, quando ele me hospedou em sua fazenda, ele, um dos ideólogos do exército que estava transformando a república! Hospedando um “subversivo”! Cesto de abertura, consideração à valorização acima de ideologias, da arte, mais antiga e nova que a Política das sombras maquiavélicas. Foi no momento mais criativo dos eventos, em sua dureza máxima o fato Histórico já apontava para seu oposto: a tolerância. Ilha de esperança. Distensão gradativa? Em seus embriões? Isso se me apresentou como antevisão de toda nossa atual História, mas voltarei a isso depois. Mário Schenberg cientista atômico, teve destino semelhante, as forças que o processavam por subversão também o defendiam por ser ele precioso para construir a bomba A nacional. Eu e ele. O artista e o cientista. O artista apaixonado pela ciência Einstein e o cientista apaixonado pelo zen, misticismo, artes modernas e telepatias místicas, e seu culto ao “primitivismo” na pintura. Ambos descendentes da longínqua Israel, ambos internacionalizados. Simultaneidade? Ambiguidades? Ele de Pernambuco eu nascido no Rio, ambos em São Paulo. Historicamente a História me apresentou um fato ambigualmente paradoxal, um Sim e Não tão aglomerados como muitas vezes mais tarde isso se repetiu. Passivo e ativo, branco e negro, guerra e

paz. Tao = kaos brasileiro? O que Schenberg escreveu sobre mim, reproduzo também.

Heraldo Barbuy, wagneriano e intuitivo, Mário Schenberg é que foi o 1º a levar a sério em plano literário-filosófico — e não riu quando eu disse que eu era iluminado pelo disco voador. Ele mesmo já o tinha visto várias vezes. Estes intelectuais eram xingados de “direitistas”, alguns o eram, outros já eram do futuro ainda sem nome.

Fui juscelinista entusiasta, e o livro *Kaos com K* trata de Brasília como caso de paixão. O Partido do Kaos era calcado pelos políticos “sérios”. O então ministro do trabalho, o brilhante Almíno Afonso, disse que o Partido do Kaos era o início do fascismo em seu nível ideológico. Só porque não se encaixava dentro do jargão sociológico da esquerda (esquerda? ou doença infantil do sub-esquerdismo-mecanicista-stalinista-colonizador-literário antes da TV?) este eterno partido do Kaos do meu coração!

Porque para este partido, a política é também poesia, ciência, antropologia, diálogo, prazer, comunicação, telepatia, amor! Mautner sempre incompreendido, mal enfocado.

Eu tinha urna coluna diária assinada na Última Hora de São Paulo intitulada: *Bilhetes do Kaos*. Trabalhava sob direção geral de Samuel Wainer (saudade e respeito) e Jorge da Cunha Lima, poeta paulista, e onde eu pregava samba e socialismo e ecologia e misticismo e fraternidade e pacifismo e democracia e existencialismo e surrealismo e bossa-nova e além, mas para bem fundo dos corações, como Don Juan do livro de Castañeda, o bruxo do bem.

Tive a honra e prazer de ser um dos entrevistados (infelizmente um dos últimos) do grande Silveira Sampai, o que me definiu com brilho: Mautner é como Cantinflas, mexicano popular, fala e fala, discursiva e racionaliza, mas o que é mais forte é seu legado inconsciente. Informação símbolos metáforas como um amazonas depois de meses chuvosos. Com Kierkegaard e Noel Rosa aprendi a não temer o ridículo, e ter certeza de que falar de mim longe de ser ego-trip era paranóia-arquetipal-individuada.

Paulo Bonfim, meu grande incentivador, poeta de sonetos de uma São Paulo na fronteira da boemia, dos bandeirantes, e do delírio do mistério de grande megalópolis de garoa sentimental, Quase um cantor, música, sua poesia. Nelson Coelho, zen-budista e criador do jornal literário

do JB no Rio, concretismo, hoje um monge total em sua casa no Morumbi.

Depois, à esquerda, o prof. Mário Schenberg, cientista nuclear e colaborador de Einstein de quem Einstein dissera ser um dos raros a poder continuar sua relativística obra, mecânica celeste a sua especialidade, mas também crítico de arte, Bienais, etc. adora Adorno, Humberto Eco, e foi um dos primeiros a me dar outra leitura de Heidegger, Marx, e da própria ciência nuclear. Mais de dez amigos cientistas atômicos confirmavam-me constantemente nossos íntimos parentescos de paisagem cultural diferente. Irmandade dos mandarins iguais?

O grande amigo Lindolf Bell, trabalhando pobre dia após dia em redações tipográficas obscuras e exploradoras lendo desafiador suas poesias em praça pública. Roberto Piva e sua profunda-pastiche poética: Paranóia. E Paulo Cotrim, dono do João Sebastião Bar, cristão, filósofo, hoje gourmet numa criatividade e transformação Pops de criatividade sem cessar. E tantos outros que estão sempre ardendo como chamuscas vivas em minha memória!

Glauber Rocha me disse há dias atrás, logo após desembarque de Oropas e estranjas (1976) que acreditava também como eu no Renascimento americano, abraçava o existencialismo, que seu filme “Deus e o diabo na terna do sol” tinha título inspirado no meu “Deus da chuva e da morte”, que em 1962 ele já mostrara na Bahia a Caetano. O início da fundamental ponte Rio-São Paulo-Bahia! Foi sua irmã, Anecy Rocha quem meu livro levou.

Ottaviano de Fiore, Elizabeth de Fiore, sociólogos, clássicos, superlógicos, amigos radicais (da direita) como João Parisi cujo valor como pintor é incontestável e que apresentei por escrito dizendo-o anarquista de direita, isso em 1963, e isso enfureceu setores da esquerda dogmática.

E também Dulce Maia (radical, hoje na África) e João Quartim de Moraes (com quem organizei um partido “niilista”) lá por 1959 hoje está na Europa. Havia esquecido que fui niilista também! Os infinitos ângulos do infinito. Meu niilismo foi como rápido sarampo: só prá vacinar.

Depois os USA. Lá lavador de pratos, datilógrafo do Banco da Lavoura, lá na 5a Avenida, massagista, lavador de pratos, subgarçom, datilógrafo nas Nações Unidas (ONU), secretário literário de Robert Lowell que segundo crítico anglo-saxão é como Ezra Pound e Elliot: totem e

tabu. Falei muito com (amizade com blue-jeans e coca-cola) Paul Goodman, o pacifista da nova esquerda existencial-democrática.

Uma frase de Lowell ecoa: “Como você é produto do Brasil-Viena lembre-se que você é depois do espaço cultural expressionista alemão que com Sigmund Freud atingiu seu máximo e se disfarçou de psicanálise, mas era literatura”.

Depois uma semana na Venezuela como parte da delegação de intelectuais brasileiros. O presidente da Venezuela nos recebeu. Durante uma semana falei e falei sobre tudo: Kaos. Alfred Kazin super-elogiou-me (está gravado! Robert Lowell convidou-me para ser seu incentivador cultural-ideológico. E da delegação nacional faziam parte: Sérgio Bernardes (arquiteto) Alberto Dines (jornalista) Luiz Alberto Bahia (jornalista e zen), Flávio Rangel (teatro) Rubens Gershman (pintura) e os criadores do pop dos US, e argentinos, uruguaios, mexicanos, colombianos famosos. Menos cubanos, e Cuba nos atacou por “discriminação”. Fui convidado depois para visitar Cuba por tempo indefinido. Tenciono ainda fazê-lo.

De Nova Iorque eu ia para Europa, depois para a África (onde encontrei o escritor Agripino de Paula, forjador da Nova Era, autor de 2 livros: “Lugar Público” e “Panamérica” e autor teatral de vanguarda estivera durante 2 desbundantes anos) mas fiquei em Londres pois vim a conhecer em carne e osso Caê e Gil. Quem até lá me levou foi o amigo Arthur de Mello Guimarães, grande cabeça que renunciou cedo a uma promissora carreira de artista plástico... Excesso de nihilismo? Fui com guarda-chuva e bandolim. Esse encontro foi a alquimia essencial para mim: a Europa refugiada do nazismo, descendente de multinacionalidades caucasianas, mestiço produto da 2ª Guerra Mundial e por ela vacinado e ensinado, ressuscitado nas Américas, encontra os ex-escravos historicamente falando, o negro Gil, e o mulato Caetano.

Foi então que me convenci que Hegel, Mozart, Shoenberg, Kafka, estavam por igual neste batuque de sons e idéias! Joyce e Fritz Lang, e depois deste expressionismo final a Europa estava pálida e cansada, mas foi capaz da grande maldade hitlerista que como-pesadelo macabro brotou das intolerâncias e tekhné excessivas do industrialismo. E de outros mistérios Dr. Mabuse fabrica Dachau, Treblinka. Após sangrar-se na guerra que foi a ultrapassagem de todas as ideologias, a Europa como num (último? penúltimo?) suspiro cria o Humanismo à prova de bombas

nucleares: o existencialismo. Retira de seus escombros amargurados, a esperança amarga, talvez a mais forte, como chocolate amargo, ou frieza de maior paixão, apenas não aparente essa paixão, oculta para ter mais efeito, Sartre e blues à Mautner.

O marxismo de coração quebrado por Stalin, e a democracia liberal-burguesa, agora, fascista, racista, nazista, autodestruidora. Que cenário! Eu filho de pai judeu, mãe eslava da Iugoslávia, nascido no Brasil, educado desde os 2 meses de idade até os 7 anos nos cantos e atabaques dos terreiros, levado pela mão da doçura da mãe de santo que foi para mim a sempre sagrada babá Lúcia com quem falo sempre que preciso ao fazer o sinal da cruz. Fechar os olhos, entoar um ponto qualquer, e ela aparece a meu lado sorrindo, me afagando meus cabelos com suas mãos negras e doces. E dizendo: meu filhinho... meu filhinho... Ogum, São Jorge, Oxalá, tudo mesclado na esperança da nova terra. Aos 7 anos São Paulo a cidade fábrica, e nos USA os Black-Panthers que hoje voltaram democráticos prevenindo sobre ataques soviéticos. Alvores da Social-democracia-planetária-ecológica-aquariana-mundial!

Lá nos USA mais cientistas, hippies, e pós-hippies e começo da geração científico-democrática-ecológica-espacial.

IV

Com Cae Gil, o mestiço dos brancos e da guerra deles, encontra-se com a negritude maior, pois universal. O eslavo, europeu karmizado entrava em contato com o candomblé, e toda aquela sua cultura no mínimo igual a Heidegger, senão for superior! Reafirmo à exaustão, os batuques de nosso terreiro serão as válvulas reequilibradoras e rearmonizadoras dos vampiros da velha cultura européia, que nos pede esta injeção americana vital!

Nota: presencio de perto elaboração de inédita síntese de psicanálise e rituais afro-brasileiros.

Os europeus através de seus profetas através dos séculos sempre desejaram isso. Para um dia bem breve: A valorização da união dos povos através da mistura racial mundial, morenodor, no sangue ou em práxis cultural. O mulato e o negro encontram o mestiço da guerra, aquele que escapou. Complexos? Novas ousadias por isso? Informação do terrível

já com a “volta por cima”. A ponte é antes de tudo mediúnica-intuitiva-telepática-sonora. Com eles, assim como os cientistas não tive vergonha de falar que eu ao fazer qualquer arte entro em transe. Para ambos é natural. Ambos “escolhem” cair em transe não codificado pelos terreiros, e conhecem de família o transe codificado com Bethânia, a Maria. E tudo ao redor, pelo menos 80%. E toda essa vertigem de informação (Goethe-ciência-Plank) vem de meu pai judeu pobre. E do meu padrasto alemão naturalizado brasileiro o som do violino ensinado com disciplina tedesca durante 7 anos, até que um dia usei o arco do violino como percussão! Até hoje dizem que não sei tocar, mas são os mesmos que dizem que não sei escrever. Será que sei? Mozart, Brahms, Wagner. De minha mãe a paixão eslava e o infinito mundo das mulheres a surgir! De minha babá a negritude como missão. “A mão da doçura?... tá no Gantois. Do disco-voador a visão celestial. Dos psicanalistas leitura simpática. porém ainda assim unilateral.

A crítica sempre me colocou num “entre parêntesis” não fenomenológico mas podador. De bolchievique fui até chamado agente da CIA pelos imbecis da alienação nascida do medo e dos tabus medievais. Ao chegar ao Brasil (1971) vim com um filme “O demiurgo” filmado em Londres onde trabalham Caetano, Gil, Macalé, Ruth dos Santos. Dedé Veloso: Sandra Passos Moreira, Aguilar, eu mesmo, etc. O filme é longa metragem. Botei todo o dinheiro economizado em New York. Todos trabalharam de graça. Mas Guilherme Araújo queria porcentagem. Caetano disse — Não! O Mautner faz o que quiser do filme, Araújo, o empresário, tem talento porém restrito, data daí seu ódio irracional contra mim: contra Macalé e Luiz Melodia não sei daonde vem mas pensando bem deve surgir das mesmas fontes, malandragem, underground, novidades! O ódio aos gatos!

Cae e Gil ia Espanha Catalunha, nós falando e meditando e tocando. Caetano censurado pela polícia civil por andar de sunga chocante. Gil com uma pedra Filosófica de um templo grego. Relação de sintonias, energias, encontrei assim minha família, o clã, eu o para-sempre perdido, fui acolhido sinceramente pela família baiana negra. O “outsider” vira Macunaíma.

Expulso do Pasquim por Millôr totalitário, não respondi na época, não era época. Agora é. Conto estas coisas pois durante longo tempo

calei-me. Hoje falo sobre divergências, equívocos, injustiças. Neuroses, agressões, etc, hoje quero discutir para que a cicatrização se dê em nível total, e que longe do hermetismo luxuoso e suicida e homicida, façamos um trabalho em comum pela pátria? planeta, que amamos sem demagogia, ou com ela se for arte e poética, como o populismo. É, também a demagogia e o populismo são um espaço cultural, com autênticos, e trapaceantes. Separar o joio do trigo, a própria espécie seleciona 24 horas na natureza.

Participei do espetáculo pró-direitos humanos com meu parceiro Nelson Jacobina no MAM do Rio de Janeiro, organizado pela ONU e Macalé. 1978. “Banquete dos Mendigos”. L.P. inédito! Participei das arqui-reuniões da fundação da SOMBRAS (direito autoral) sugeri que Chiou Buarque fosse ver Ney Braga. Reagiu emocionalmente ainda traumatizado em sua posição radical de recusa mal enfocada em suas origens e resultantes. Depois foi, e agora até em telenovela ele canta! Eu disse ser existencialista, e isso foi a maior política. Ideologias naufragaram no conflito URSS x CHINA x euro-comunismo... novas surgiram. Só que a maioria nada sabe. Todas elas eletrônico-democráticas, irreversíveis.

No show da Sombras no João Caetano, fui cantar com Jacobina, 1976. Millor Fernandes escrevera um texto no qual apresentava-me como gangster, mau elemento, por isso que nada ia adiante... tudo muito difuso. Dia seguinte no 2o espetáculo retiraram o texto. E fui saudado epicamente por Tônia Carrero. Sinais promissores?

Coexistência, sabedoria, tolerância: democracia! Como é duro sair da Idade Média e penetrar nos Renascimentos, agora com caravelas espaciais e raio laser! Cada geração reconquista a liberdade, e assim dá a esta inominável aparição poética um sempre renovado significado.

Cientistas são místicos, a matemática enlouqueceu poeticamente a Albert Einstein que despertou isso, tocava violino e acreditava em Deus-Jeová com até mesmo passaporte de Israel.

Temos que decodificar tudo, nas artes já se profetizou. Até mesmo isso massificou-se. Como práxis corrente. De Marx a Freud a Nietzsche a Heidegger a mesma leitura: tudo é prática. Dançar, amar. trabalhar. Academias faleceram por desuso. A velocidade da História condensa em 24 horas o que antes durava um século. E aumenta a velocidade desta luz, que é o motor da História, para direções mais velozes à força da grava-

de, que suspeita-se caminha a mais, muito mais, que 300 mil km por segundo. Voltando a Einstein, ele dizia que quando “pensamos” (não raciocinamos) estamos percorrendo as linhas de força do universo. Que louco genial este nosso irmão e principal fabricante da Nova Era!

Um dos primeiros “desbundados” da ciência! Messias-Dionisus atômico, com violino e amor a Bach. E como serão os cientistas do rock-soul samba-maracatu que estão aí surgindo como pipocas estourando por debaixo de nossa História oficial, nos subcorredores subterrâneos de todos os guetos das minorias e vanguardas e minorias das minorias, em poucos segundos-História transformados em maioria, por necessidades de se beber, comer, e aumentar os nervos com uma filosofia mais coerente e correspondente com este maravilhoso-terrível real que vivemos? Reclamo-vos futuros companheiros, atuais na imaginação, irmãos dos meus sonhos, sementes e motivação da minha existência e pregação histórica e anti-histórica. Na verdade já vos encontro alguns por aí pelos montes Brasil Sul-Norte-Leste-Oeste. E gerações novas!

O ruim do profeta é saber da infalibilidade de suas visões (que como flashes descem sobre ele, não segundo sua vontade, mas segundo vontade do mistério) mas sim o fato de que não adianta dizer agora as coisas do chamado futuro. Ou será que sim? Deixar de ser profeta, para ser Messias atuante, só agora se abriram em plenitude condições para tal. Evoé! Oxalá! E a obra infantil de Monteiro Lobato anuncia também a Nova Era do Kaos! E todos os toques de dadivosidade, deste ou de outro planeta qualquer. E Alice no País das Maravilhas.

E, 1965 na casa de Mário Schenberg, enquanto eu tocava o “Vampiro” e Rogério Duarte escutava, Schenberg, Umberto Eco, e três concretistas. Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, deslumbrados com a presença do recém-chegado mago-artístico italiano europeu e puríssimo produto das finesses culturais européias, retiraram-se sem nem olhar pra mim para ouvir o italiano genial falar. Chamaram Rogério Duarte com a indelicadeza e crueldade dos intelectuais dedicados a coisas “sérias”, importantes, etc. “Venha ouvir Eco!” Só Rogério respondeu: “Eu fico aqui com o som, depois vem o eco”. Só a Bahia me abraçou e purificou assim. Gil tornou um ateu em místico-total. Hoje eu e os concretos estamos reconciliados pelo existencialismo básico, tão sem nome quanto inquietante.

Norma Benguel disse que em Paris deslumbrou-se com “Maracatu Atômico” ideograma- profético-desvelador-musical — de toda uma Era, e alguém disse com sotaque francês e rancor: “Mautner? É da CIA”.

Calúnias e boicotes. Alguns incentivos da maior qualidade.

Mas estamos no umbral do salto qualitativo que transmutará minorias aguçadas em maiorias, que por sua vez provocarão nascimentos de minoria mais aguçadas. Heráclito de Éfeso é meu mestre, o Jesus guia do meu coração. Ele também, filho de Israel, internacionalizou a mensagem. Kafka, Bob Dylan, Ginsberg, Freud, Einstein, Marx, Levi-Strauss e eu. Só que comigo vai o que de melhor aprendi nascendo no Brasil, coisas que a maioria dos meus patrícios ignora. Minha mãe falou outro dia em São Paulo: “Acho que os brasileiros têm complexo de inferioridade. Não vêem filme nacional, só estrangeiros! Que bobagem! Por quê?” E eu respondi: “Isso vai mudar, breve, breve”...

Não inventei isso, foi mensagem de entidades superiores a mim e absolutamente desconhecidas.

V

Nietzsche me ensinou, depois a vida, que personalidade forte ao contrário do que se pensa é ter o maior número de opiniões possíveis., expor-se a deixar-se ser invadido por todos os karmas, e não o contrário de uma só opinião restrita-unilateral-imobilista.

Assim é o Black-Rio, influencia-se. Noel Rosa não o foi pelo fox-trot? A jovem Guarda e o tropicalismo pelo rock? E agora é a voz do soul, do disco, que com esta poderosa injeção de origens afro-brasileiras (de Oberdan até x. y. z., são todos superbrasileiros no que isso tem de conotação descolonizante sem complexos perante a cultura estrangeira, a ser tratada nem de inferior nem superior, mas por igual, exigindo igualdades de respeitos, mas jamais o medo).

Ao contrário, é como nas lutas do Shaolin, ou Tai-chi, Judô, quanto mais você for seu adversário, pensar e sentir como ele, mais você o superará (isso na luta, na contradição grosseira e linear da História da Barbárie, a ser inclusive até esta luta ela mesma a ser superada por necessidades atômico-históricas de aniquilação total se o contrário dessa atitude teimar em prevalecer), e quanto mais no terreno da Música, arte

ondulatória, feita no outro cérebro que fica ao lado do cérebro que produz as tirânicas palavras através das quais o ser humano tenta em vão explicar-se através dos séculos, passando por períodos de anemia, niilismo, racionalização esterilizante em relação ao animalesco em nós, e portanto ao divino intangível de nossa natureza eternamente estranha e maravilhosa, quanto mais na música, essa portadora dos sons do infinito, da onde nasceu Zaratustra, aquele que absolve todas as dores, provavelmente inaugurando novas e mais sofisticados sofrimentos, para contrapor-se a uma alegria mais estonteante como um sol jamais visto, como se um sueco acostumado ao gelado sol da meia-noite, fosse atirado sem aviso prévio para a praia de Itapoã, meio dia e trinta e cinco, fevereiro de sol africano.

Boicotado, cortado, podado, como não o merece alguém de tão boas intenções. E sempre mesmo por parte de quem me apóia há sempre uma certa “desconfiança” que deve nascer do medo de coisa tão grandiosa que apresento e proponho e que é a totalização em nível do maior adensamento no nosso explicitamente regionalístico, étnico, só nosso como o samba e a palhoça da coisa nossa do Noel Rosa, até a mais universal, a começar pelo meu sobrenome Mautner, meu violino (depois transformado em violino a serviço do batuque negro) e a mestiçagem iugoslava e judaica merecendo por isso mesmo também o boicote e poda-ção até mesmo da comunidade judaica, e os “goys” que são anti-semitas (de todas as nuances... jamais me perdoaram nem o brilho nem a inteligência) e além do mais sou produto em mutação de refugiados da 2a Guerra Mundial, professora e fábrica do existencialismo, da moral e do Humanismo que devem ser tão fortes a ponto de resistir às piores tiranias, à guerra-nuclear e continuar ensinando a ser otimista, mesmo que isto às vezes apenas signifique o estar-aí em expectativa como na antevéspera de um sonho sempre dourado.

Brasil na entrada de sua descolonização cultural, surgimento da nação-bebê num mundo espacial de satélites; tudo ainda por se fazer: das reformas democráticas à maturação de sua plenitude de assumir sua original e inusitada cultura, contribuição gigantesca deste país-continente para a futura e presente cultura mundial nascente. Momentos super-épicos ainda não suficientemente detectados pela ‘inteligentzia’ brasileira, ainda em sua maior parte presa às labirínticas e míopes con-

cepções mecanizadas e semi-automaticamente copiadas (pastichadas) de espaços culturais europeus já superados na Europa, inteligentzia que em sua grande parte teme inaugurar para além de parâmetros europeizantes a pujança de sua originalidade cultural.

Temor perante uma Razão linear. Não reconhecimento das superpossibilidades dessa eletrônica-Vera-Cruz. equívocos, contradições desenrolando-se ao nível do linear-discursivo-trapaceante-bacharelismo e formalismo e alienação, opostos e contrários da verdadeira cultura popular (toda cultura de verdade é popular) tais como os gênios analfabetos do samba e do batuque em geral inventaram por aqui, nessa mescla absolutamente nova de pretos e brancos e indígenas (nordeste brasileiro, caso único, integração através da intestinal miscigenação racial absorveu como genética de pensamento atuante milhões de índios, constituindo a população mais mesclada e uniforme de mestiçagem de tal tipo que se tem notícia: quase 40 milhões de cabeças chatas, de Castello Branco ao repentista surrealista Zé Limeira do sertão “analfabeto” da Paraíba.

Só Oswald de Andrade e Mário de Andrade e sua legião de camaradas artistas é quem enfocou o problema na época (década dos 20s) com acerto e dignidade. depois veio o paternalismo tipo Sérgio Cabral e Stanislaw Ponte Preta: populismo fascista, nacional socialista-estatizante-substalinismo já em sua forma de degenerescência histórica. Vieram para purificar este escleroseamento-imobilizador 3 movimentos culturais de origem classe-média na Música Popular (além dos permanentes e básicos eflúvios vitalistas eternamente ecoando dos batuques básicos, dos terreiros aos sambas de Nelson Cavaquinho, como sopros de debaixo da História, dos subterrâneos para cima, da infra para a superestrutura). 1o movimento: Bossa-nova, João Gilberto, Johnny Alf, Jobim, Vinícius de Moraes.

Purificação pelo jazz e pelo retomo já ecológico antes da Ecologia (ah! sabedoria intuitiva dos artistas porta-estandartes do ser!) a obrar nas artes Johnny Alf, o pianista das dissonâncias, João o batuque essencializado de todas as Bahias (o louco como gênio), Jobim (o reestruturador da linguagem sinfônico “após os arroubos e radicalizações de um Villa Lobos, até a redução folclórica-erudita de um Radamés Gnattali” e da mensagem geo-político-ambiental inaugurada por Ary Barroso: a narração das ilhas de felicidade tropicais, mil Noa-Noas, as baías, a baixa do

sapateiro composta por Ary sem nunca tê-la visto, apenas por ouvir dizer e fotos? Igual a Gauguin ao pintar sua mais famosa paisagem de paraíso de um cartão postal. Isso já é Pop antes do Pop! Mestre Ary Barroso revisitado e ressuscitado por Jobim, que já “ouve” pássaros, e diz com eles aprender toda a música, a imagem transformada em paralelos de equivalência às labirínticas experiências no cinema (imagem e som andam muito juntos?...). Antonioni, fim de Hollywood “fim dos arquétipos Ary Barrosianos?” surgir da verdade narrada em mil tons; tipo Rashomon, zen, candomblé, classe-média ousada e otimista e democrática-liberal no tempo que vai depois da 2a guerra até a intervenção militar de 1964, abril.

Vinícius o rompimento do bacharelismo-de-alto-nível Itamarati profissional com a cultura reificada de seu meio. As “belas letras” fabricam um “moleque dançarino” e ele, alguém plasmado para as academias caí no samba, e assim, torna-se um dos mais importantes, se não for talvez o mais, de toda essa revolução cultural de que falo, sou testemunho e agitador permanente.

Vinícius tem a meu ver 3 fases gerais 1) poeta literal, 2) Música Popular Brasileira, cai nela isto é, cai na argamassa da maior cultura fabricada no Brasil. por aqui existente, a mais original, aquela capaz de contribuir para a cultura universal em pé se não de igualdade, de superioridade, a toda filosofia europeia, da URSS e das Ásias e Áfricas. SÓ A CULTURA DOS USA, atuais, se lhe equipara, por causa de certas características de multiplicidade cultural e americanidade (a mais recente experiência da civilização, com apenas 4 séculos de idade! terras de piratas, enfeitados, escravos, índios, aventureiros, supernata de elite refugiada de guerras ideológicas e de espaços culturais de alto nível, o mandarim e a prostituta, o rabino rebatizado e o pirata, o condenado político herético cientista e o escravagista, a bruxa e a freira superidealista ou por isso mesmo também super-herética, etc... somente os US atuais repito eu, conseguem o mesmo paralelismo, só que com o avançar do Tempo Histórico será o Brasil a poder apresentar mais novidades, dada sua condição de ainda semi-total-desconhecimento, em nível mundial e nível de captação da sua intelligenza nativa, ainda alienada. 3) Período em que Vinícius se aprofunda no batuque da 2 fase e vai à gema do ovo negro descendo para as raízes do afro, e assim alevantando-se cada vez mais.

Paralela à Bossa Nova um segundo movimento acionava os alicerces culturais da sociedade nova: o iê-ié-ié: Vanderléa, Roberto e Erasmo Carlos, até mesmo Jorge Ben durante período importante sobreviveu neste meio refugiado de incompreensões por parte de uma Bossa Nova temporariamente atacada de dogmatismo-mecânico-alienante cheio de histeria ideológica masturbativa.

A Jovem Guarda deve antecedentes ao versionista Fred Jorge, que já dava um salto em qualidade em sua versão colocando um molho de “clima” brasileiro em cima delas, mas com a Jovem Guarda dá seu salto definitivo tanto na ação, como na sua filosofia, inaugurando música brasileira totalizando modinhas e serestas e rock; 3o movimento, tropicalismo, Gil Cae, Gal, Capinam, Wally, Tom Zé etc.

A junção dos 2 movimentos precedentes, o aforamento da idéia Osvaldiana como práxis popular. Transformando o próprio antropofagismo. Tropicalismo: a síntese que propunha como passo seguinte (o de nossos dias, e acertou na profecia, e acertou por ser um movimento autêntico) a descentralização posterior, a sua própria, a de todos os outros, e a chegada de Aquarius, ou Apocalipse, ou Admirável Mundo Novo, ou maracatu-atômico, ou etc. etc. Mas é sempre a mesma coisa com nomes diferentes, ainda bem!

VI

Isso tudo é tão rico e não tem tradução nem leitura literária-ensaística-tipo-europeu-tipo-discurso-e-pós-discurso, começa isso agora, este livro de artigos por exemplo? Bem, ainda por cima deste panorama quero destacar os setores influenciadores da: industrialização iniciada em 1930 (iniciada em seu impulso moderno) com as forças armadas e Getúlio e intelectuais de inspiração Modernista (ah! como nós os artistas antecedemos e ensinamos aos políticos, militares, cientistas como se movimentar em espaços culturais tão novos, que nos rodeiam assustadoramente à velocidade da luz ou mais, através de nossa privilegiada Telepatia, nós músicos, plásticos, poetas, esportistas, místicos, ou simplesmente aqueles que amam demais a vida e seus infinitos mistérios...) mais de uma década após a Revolução de 1964, redemocratização em todos os horizontes, em todos os lances, em todos os naipes, e até mesmo

(e principalmente) na Arena, e nas Forças Armadas, Chico Buarque voltando a cantar e logo introduzido numa telenovela! (Espelho?) Introdução da energia atômica. Multirracialidade brasileira construção de uma sociedade.

Aproximar-se do momento criativo, em que os “grilos” serão superados pela boa-fé do amor e do trabalho positivo, numa sociedade ecologicamente equilibrada, da liberdade existencial ao Poder do Estado e sua justiça social. E a História revela um novo déficit de inteligências perdidas para o dogmatismo imbecil. Depois de relatar toda minha vida e luta de agitador cultural permanente, de 1958, até hoje, Julho 1977 (1977-1958) são dezenove anos de tal tipo de luta ininterrupta, dos escalões mais variados da “esquerda” até aos de centro, e passando por acusações de elitismo “alienante”, sempre o meu KAOS teve essa constante: a de ser a mais democrática, contemporânea, elástica, relativística filosofia e interpretação da História, da anti-História e do mundo. Uma futurística, uma tradução do presente momento do aqui-agora em que já estamos mergulhados. Respostas e brigas, polêmicas e perguntas, questionários dos mais diversos sobre a Cultura nascente brasileira, e a Universal. Democrata social eletrônico einsteiniano permanente — Kaos.

Feminismo, pansexualismo, porém com Paul Goodman aprendi a seguir Gandhi e o pacifismo: maracatu atômico. Socialização e democracia-ecologia. Ciência que não há de ficar restrita aos escalões da natureza versus tecnologia fáustica desenfreada, mas será o fator de Harmonia a reger todas as ciências e atividades humanas no mundo planetário do séc. XXI que já despontou, cujos comandantes são os artistas e os cientistas, a automação e o computador: a grande mutação que chegou. E por coincidência, é neste panorama totalmente modificado da História e da anti-História humanas que se desenrola o panorama selvagem e maravilhoso desta minha obra. Com 5 mil espectadores (no estádio Gigantinho lá em Porto Alegre RS “nosso máximo até hoje em audiência para exibição exclusiva” até um auditório de 20 pessoas como na cidade de Garanhuns lá em Pernambuco, uma única constante nessa trajetória: fidelidade a esta paixão absoluta da minha vida que é a Mitologia do Kaos, que minha mensagem de profeta desde 1958 com a publicação do livro ‘Deus da Chuva e da Morte’ desencadeou com as orelhas do livro prefaciadas por Paulo Bonfim, e a outra pelo zen-budista Nelson Coelho,

e introduzido pela 1ª vez ao mundo literário pensante através dos diálogos intermináveis em noites garoentas paulistas com Vicente Ferreira da Silva, o grande heideggeriano brasileiro saudado por Osvaldo de Andrade como “único” pensador de sua época e alguém que desenvolveu um pensamento independente. Foi na sua revista “Diálogo no 13” que estreei com introdução maravilhosa de Dora Ferreira da Silva apresentando-me como “Oroboros” (a serpente que morde sua própria cauda) até hoje, com livros publicados e mais de 4 mil páginas inéditas.

Com 3 LPs e compactos e mais de 280 músicas inéditas, com um filme longa metragem “O Demiurgo”, após milhares de apresentações em shows, TV, rádio, teatros, festivais, buates, clubes, prisões, Hospícios (antes que isso se tornasse moda, digo isso de tocar em penitenciárias e Hospícios como o é hoje em dia ex. Ney Mato Grosso e suas plumas numa cobertura pro consumo linha Guilherme Araújo seu empresário em 1977 lançam seu disco “Bandido” numa prisão do Rio. Eu e Nelson Jacobina, meu incrível parceiro, fizemos isso em 1972, com Luís Melodia e Jards Macalé, e a Massa sem Araújo e sem publicidade, a não ser a da imprensa “nanica under-ground” Rolling Stone. Mas deixa prá lá...) estou a serviço durante todo este tempo, 25 horas por dia, de pé e alerta por e para essa imensa revolução cultural brasileira e universal. Na verdade vivo para isso. Deve ser isso que os empresários comercialistas odeiam em mim. Realmente devo ser muito romântico. Estes artigos são a explicação definitiva sob um ângulo mais racionalista e ensaístico de todos os problemas do Brasil e mundo de hoje, e os por chegar nas próximas 3 décadas, e pelo menos 2 milénios a vir. Pós-tropicalista, pós-einsteiniana. democrática descentralizadora e atômica, eis os motivos da grande dificuldade para compreender-me. Sou a encruzilhada de rios tão diferentes e necessários para o presente-futuro, porém de maneira tão radical que sou a ponte do que vem após Caetano e Gil, eles mesmos o dizem e sempre trabalhamos juntos, mesmo antes de nos conhecermos pessoalmente, estou convencido disso ultimamente.

A tradição francesa e culturalística e o machismo e o imobilismo e o dogmatismo e nacionalismo chauvinista são meus inimigos, pois o Kaos é a Nova Era e para penetrar nele é preciso despir-se dos preconceitos que até hoje fizeram o fascismo existir até mesmo sob o cuidadoso disfarce de “socialismos, liberarismos, etc...” tem sido uma árdua porém

absolutamente satisfatória essa a minha, essa digamos... paixão, que este Kaos com K. Sou mais que N.O. Brown, Marcuse, ou Bob Dylan, pois sou o 1.º produto totalizante de expressionismo Judaico com Brasil — nascendo e eu ressuscitando junto!

Sonho (e sonho de profeta é quase-realidade daqui-a-pouco) com minhas obras publicadas, e pela 1 vez encaradas sem preconceitos. Apenas seu justo valor. Por que Henfil, vós insistis em bancar avestruz e negar-me? Sou a chegada da fenomenologia Husserliana, o existencialismo, o zen antropofagia e tropicalismos revisitados eternizados forever, concretismo libertado — sensualizado (Wally, Risério, Leminsky) paixões, liberdade, mistério, pensar alemão austríaco, judeu, vienense, novaiorquino, e principalmente brasileiro em sua fase Brasil-Potência, isso é mais que Poder, Brasil dois mil, Boa Nova da Coisa Nova e só nossa supervirgem-imensacultura criou de Originalérrimo, de Gilberto Freyre a Gil, nossa peculiaridade é só nossa, com Augusto dos Anjos, Villa Lobos, Glauber, Djanira, Caetano, Lígia Clark, e todos os que Fanonianamente assumem seu novo ser Brasileiro, novo e eterno como a Ecologia. Pois bem, com um lastro de tão imenso obrar em prol da Nova Coisa que há de surgir no Brasil chamada Kaos, e que é a suprema malemolência e ginga da mandinga da elasticidade democrática do mais radical e positivo existencialismo, sou ainda boicotado. São estes escritos afinal tudo que eu tinha a dizer de forma racionalística, para responder a jornalistas, estudantes, críticos, e outros interessados que por aí surgirem, espero em número cada vez maior. Afinal de contas o Kaos sempre foi um movimento que pretendeu inaugurar pelo menos 2 milênios de novidade, e se estou sem gravadora e pela TV Globo desfila o Brasil, menos eu e Jacobina, paciência... algum dia, justiça será feita, a esperança otimista é outra obsessão mautneriana.

Incluídos em anexo com meus artigos, alguns depoimentos de pessoas que acho merecedoras de constarem por igual ao pensamento do Kaos, e ajudam a “esclarecer?” toda esta estranha e nova situação. Quanto mais você totalizar informação mais as criaturas do planeta passado te odiarão: canto de cisne da espécie, defesa justa, etc. Não tenho culpa de ser tão Novo no sentido tumultuante e descodificante da palavra, paranóia assumida como superprodutiva. Haverá alguém que acreditou mais na História que eu, e tivesse o corpo também assim tão mergulhado na anti-História? Beijos:

VII

Gilberto Gil. Nelson Cavaquinho.
Luiz Melodia. Os três gênios negros
e o acadêmico do samba Sérgio Cabral

O crítico acadêmico branco e os três crioulos: Luiz Melodia, Nelson Cavaquinho e Gilberto Gil.

Por que o crítico Sérgio Cabral rmandou Luís Melodia aprender a fazer poesia lendo: instruindo-se com leituras de João Cabral de Mello Neto e Carlos Drummond de Andrade?

Resposta: porque ele é um paternalista, um pretensioso esnobe etnocentrista da cultura acadêmica “branca” europeia que acha que Luiz Melodia não sabe fazer poesia.

Eu acho que Luís Melodia é meu mestre, que ele fabrica a língua brasileira (que já passou de português) e além do mais representa o produto mais cristalino da cultura de massas, espontânea original e ignorada pelos esnobes e seus padrões colonizantes/colonizados embasbacados perante uma falsa miragem de “Kultur” europeia. Melodia e poesia-ação séc. XXI. É filho negro da escola do Estácio de Sá, sua negritude é universal como a de um Gil ou de um Pelé. Perto da pujança de sua poesia, ritmo, sangue, novidade e relevância as lindas e magistrais palavras de Cabral e Drummond podem no máximo chegar perto, quase por igual, mas jamais acima!

Caro Sérgio Cabra!, burocracia sem imaginação sociológica ouça: sua recomendação em tom de conselho de cima para baixo é antidemocrática, anti-social e chega a invadir os territórios do apartheid. Eu li em alemão os livros que você pensa que está citando. Mas para mim Jorge Mautner, Mozart, Heidegger são iguais no mínimo a Jorge Ben, Cavaquinho, Little Richard e Stevie Wonder.

Sérgio Cabral apresenta o LP de Nelson Cavaquinho “desculpando-o” em sua apresentação na contracapa do dito LP perante o público por causa de sua “voz rouca”. Ora, mais uma vez colonizado e reacionário: por que não explicar ousadamente que esta voz rouca é marca registrada dos blues, dos grandes traumas vencidos pela força da vida destes-ex-escravos cantando a alegria? O contrário justamente da “pureza abstrata

falsa e cristalina” daquele bel-canto de toda uma Europa imperial? Sérgio Cabral ignora isso. E por isso deixa de informar.

Esse último atentado cultural partiu de uma crônica sua atacando a música de Gil que nos fala sobre a Morte, cantado por Simone. Sérgio Cabral numa típica atitude de projeção pessoal de seu tumultuado e reprimido inconsciente acusa Gil de ser nesta música um tipo fascista que iria agradar plenamente aquele general de Franco que na guerra civil da Espanha gritou para o filósofo trágico existencial Miguel Unamuno: “Viva la Muerte! Abajo la inteligencia!”.

Pois é, para a medíocre mente de Cabral (cujo grande mérito consiste em coletar feitichisticamente dados sobre escolas de samba, numa atitude obsessiva de vampiro colecionador e arquivista) o tema tão rico e ousado e totem e tabu de todas as nossas culturas humanas que é a morte merece apenas este exorcismo de besteira ideológica, aliás uma “bandeira” de como é tortuosa essa mente pós-stalinista de um equivocado perseguidor de slogans tranquilizantes.

Ignora o sr. Cabral que: 1.º) A morte como temática e prática social-medicinal obteve sua entrada triunfante através da novíssima ciência chamada Tanatologia, que sendo mais recente que a recente Ecologia, já se preocupa com as posições e questionamentos e soluções deste nosso inevitável destino até hoje considerado tema-tabu. Ensinar a morrer, encarar a vida é: meditações e práticas (sociais, culturais, medicinais, etc) daquilo tudo que o existencialismo já havia postulados em tom de filosofia pós 20. Guerra Mundial.

20) Que Gil ousou novamente, como inovador corajoso que é, propondo um debate em tomo de Eros e Thanatos, do instinto da Vida e o da Morte, coligados e inseparáveis, um e outro, quanto mais conscientes da Morte, para os gregos trágicos e para mestre Sigmund Freud. Mas Cabral, e a sua petrificada eternidade do medo?

Cuidado: um dia os negros, mulatos, cafuzos, mestiços, toda esta morenidade de que nos fala Gilberto Freyre há de cobrar suas esnobes afirmações, de mandarim todo-poderoso funcionário de órgãos estatais, chefe de poderosas gangs culturais, igual a Millôr Fernandes, ambos talvez sinceros em sua obtusidade, mas superados pela História de hoje que se move com força atômica e bem negra, bem rouca, cheia de maracatus e blues! Por mais que desesperadamente você proclame a necessidade de

colocar camisa de força no “perigoso espontaneísmo” da MPB! Que vai de Rita Lee a Clementina de Jesus!

VIII

O sexo “machão” de Belchior e o sexo antimachão de Ney Mato Grosso, ambos devidamente empacotados e embalados.

Quero deixar bem claro aqui, que ao falar de Ney e Belchior faço-o justamente por causa de sua importância, e com a consciência de que nesta crítica apenas me refiro a seus aspectos “negativos”, sendo que seus aspectos “positivos” já são bastante conhecidos, como em Belchior por ex: sua importância de criador de um gênero populista contestatário-protesto-em-rock, e com Ney, um formidável ataque aos baluartes do machismo e da intolerância xenófoba que se coloca, contra a síntese moderna de nossa MPB, desde o conjunto “Secos e Molhados” até agora com seu “bandido corazón”. Mas é esta mesma importância que me faz escrever agora com palavras amargas. Creio também que maior força de culpa deve ser imputada à imensa engrenagem industrial de consumo e comunicação em que ambos estão envolvidos do que por parte deles mesmos, como opção individual, nestes erros que estou a criticar.

Em seu 1o trabalho Belchior atacava o suposto hedonismo dos “baianos”, que deviam estar alienados em pleno mundo do “divino e maravilhoso”, e eis que agora desponta empacotado para consumo como “sexo machão”, estilo bigodes, macho-man, etc. Hedonismo do machismo?

E agora temos outro pacote, pacotes e mais pacotes! É o de Ney o outro lado do espelho do sexo empacotado tipo machão de Belchior, ou seja: o antimachão. Dois produtos embalados, seguindo a ótica maniqueísta, e seguindo a trilha (aberta?) pelo (para alguns genial, para outros um biônico) Sidney Magal, mistura de um Cauby Peixoto eletrônico, sub-repticiamente andrógino, remanescente de uma visão kitsch hollywoodiana de 1940 sobre a América Latina e seus amantes flamejantes, e com pitadas de Roberto Carlos tipo desvairado, fabricado como revanche por seu empresário, ex-cantor sem sucesso.

Mas, voltemos a Ney, ouça. meu querido Ney: a boneca, a bichice, a frescura, as plumas, a gratuidade dos brilhos de lantejoulas faiscantes,

são exatamente aquilo que a ideologia machista-fascista quer que o homossexual, e o amor homossexual se torne, se conforme em ser, colonizadamente exibindo seus trejeitos neuróticos, como marcas de separação, suásticas, ou qualquer símbolo apartheidiano dizendo: este ser não é igual a nós! Assim como o machismo faz com a mulher tomando-a um objeto. Ou com todas as outras minorias étnicas e culturais, e com qualquer estilo de vida que não seja o seu estilo imperialista, centralizador e arrogante.

A boneca, o machão, a mulher-objeto, não existem. São caricaturas da imaginação fascista, que divide o mundo em castas, classes, raças, hierarquias, superiores, inferiores, etc. Definições rígidas para definir o ser, que é este mistério, e que somos nós, suspensos por um fio invisível entre o horror e a maravilha, a morte e a vida, e que através dos séculos os gregos sabiam definir o ser como inquietude trágica e reveladora, pois, eternamente consultando novos enigmas dos Oráculos de Delfos? O ser é todas as possibilidades. Isso é abertura, anistia, o resto é eufemizar a permanência do terror.

Falo da tragédia grega porque ela não é menos profunda que a nossa MPB na qual você Ney, e você Belchior e eu trabalhamos e esta MPB tem a sua densidade de tragédia grega com Hermeto, Milton Nascimento e Wilson Batista, que disse: “além de flores, nada mais vai no caixão”.

Acho que todo produto destinado a enorme circulação via rádio t.v-discos-shows aqui no Brasil deveria ter pelo menos 50% de densidade e autenticidade nacional. Não o nacionalismo míope de um equivocado porém talvez bem intencionado J.R. Tinhorão (xenófobo e contraprodcente) mas um nacionalismo antropofágico, agora eletrônico e universal, como em Nelson Cavaquinho ou Dorival Caymmi ou José Ramalho. E note-se que num país de analfabetos, e dos que sabem ler pouco são os que o fazem, imagine-se a suma importância de nosso batuque-som que parece somente ser respeitado e considerado por ingleses, franceses e norte-americanos, artistas e críticos e público de jazz, rock, blues, soul, e vida! Um medo colonizado atravessa a espinha dorsal da maioria dos críticos nacionais! Posso ter todos os erros, menos este: minha obra está toda a serviço da pujante e inédita e mestiça e genial imensa cultura brasileira que está em plena aurora de seus mitos e arquétipos, ignorada por seus “escribas” sua pretenciosa e ignorante e colonizada classe-

-média, e somente reconhecida como oxigênio da vida por essa multidão de ex-escravos e iluminados de todos os naipes por este país-continente. Imensas responsabilidades nos esperam desde já, por parte de todos os brasileiros, pois desta vez construiremos a nação-continente com social-democracia e filosofia original brasileira!

Nem o consumismo da CIA, nem a camisa de força da KGB. Nós aqui agora neste crucial instante de passagem de um “momentum” para um outro “momentum” de 1978 para 1979 temos que ter a consciência múltipla e polivalente que a História e a anti-História mundial e nacional de nós exige, se quisermos sobreviver, com dignidade e direitos humanos. Por isso digo: rótulos são iguais em sua monotonia e mecanicismo, pacotes sexuais, machão, antimachão, o ser é muito mais, é um ato de eterna criação.

Você não vê, Ney, que o caminho da libertação passa primeiro pela autodignificação. e que é missão nossa combater todos os ismos dos totalitarismos, dos machismos, elitismos, colonialismos, bonequis-mos, que oprimem todas as minorias, a própria masculinidade, os gays, os bissexuais os pansexuais, os ascetas, os negros, os mulatos, mestiços, cafuzos, extraterrenos, indígenas, os diferentes de todas as diferenças? os místicos, ateus, árabes, judeus, os sem definição só liberdade, e a grande maioria que é 50% da população mundial que são nossas mães, irmãs, amigas, esposas, filhas, as antigas orgulhosas amazonas, depois humilhadas e castradas e no antigo império asiático aleijadas para terem seus pés bem pequenos para não fugirem de seus donos? estas companheiras tão iguais e tão diferentes a nós, as mulheres?

IX

A automação e o computador são duas locomotivas atômicas já desencadeadas em sua irresistível marcha para o infinito dos progressos sem fim. Com estas duas locomotivas atômicas penetraremos no século XXI.

Estamos assistindo às últimas guerras clássicas: as guerras do petróleo. Ainda não ultrapassamos totalmente o umbral do mundo das ideologias mas já estamos na metade do caminho, o linguajar político-ideológico começa a ser demolido (na velocidade da luz com que caminha a

Humanidade) e substituído por terminologia científica (códigos básicos retirados do relativismo e pós-relativismo e da ecologia). Felizes tempos, pois em menos de 30 anos, extintas estarão as guerras clássicas e a supremacia do petróleo, e o hominóide desse planeta-terra estará cavalcando no bojo de mais quatro novas fontes de energia: 1) a energia solar 2) a das marés dos oceanos 3) a do raio laser (luz domesticada em precisão de fileiras) 4) Energia da gravidade a ser descoberta nos alvares do século vindouro.

Todos nos falam desse século XXI da mutação, os judeus em tom um tanto superdramático e emocional tão característico dos meus ancestrais por parte paterna, no “Apocalipse” de João, onde a besta nasceria do torvelinho das paixões políticas. Até a visto mais amena e pagã da astrologia ao descrever e anunciar Aquarius, é bem mais hip. O Tempo é uma pulsação cíclica num universo cíclico? Descoberta recente de astrônomos alemães nos informa que o Universo deu mais uma prova de que é finito, e portanto anulando possibilidades dos que defendem a teoria de que o Universo está em permanente expansão, e um ponto a mais na teoria de que de é cíclico, pulsa, indo e voltando, como um imenso coração a pulsar feito de campos eletromagnéticos em suas augustas fronteiras elípticas, feitas de matéria e energia segundo Einstein.

Sendo assim chamo atenção mais uma vez para os negligenciadíssimos aspectos científico-culturais e tecnológicos que nos circundam, já nos anunciam hoje o século XXI, nos impõem (ainda bem!) novos hábitos de vida, visões, antevisões, paisagens mentais, mas são ignoradíssimos pela maior parte de nossos intelectuais, que ao invés de anunciarem, estudarem, informarem o povo sobre estas coisas, ficam afundados na velha poltrona da amargura, choramingando, lamentando-se sobre o passado, e presos na armadilha, teia de aranha das ideologias e do antigo complexo de culpa.

Onde o orgulho e a ousadia de quem deve estar no comando? Não é esse o campo específico do pensador? Do forjador de ideias? Do criador de espaços-culturais? Do escritor, do jornalista do compositor, do poeta, do artista em geral do planeta e da nação? Como pode ser pessimista um guia, alguém que leva o estandarte? O exemplo? Condenar a injustiça não é imobilizar-se na morbidez neurótico-depressiva.

Mas, dia virá, e será mais breve do que pensa a maioria, em que

minhas palavras serão o evangelho da maioria.

O próprio Karl Marx que era a continuação em tom industrial-científico de Hegel, anunciava-se, como sendo a existência do socialismo científico tornada possível apenas por causa do grau da indústria e da ciência e tecnologia de sua época Histórica. Portanto o primeiro espaço cultural a brotar (e ter tido plena autoconsciência disso) foi o espaço do marxismo que descreveu e “coloriu” a seu modo a paisagem industrial da sociedade na época. Hoje na 7.º ou 80. revolução industrial mundial (em que a Internacional se concretizou em Multinacional) se fôssemos seguir o pensamento do eminente pensador científico Karl Marx, (que dizia que o socialismo havia podido chegar ao nível científico somente por causa da estrutura tecnológica alcançada pela sociedade daquela precisa época) teríamos que incluir visão sociológica, filosófica, Weltanschauung nossa de agora os dados fundamentais do Relativismo de Albert Einstein, os de Plank, Shoroedinger, Sigmund Freud, Jung, os satélites, os computadores, os foguetes espaciais, a televisão, o rádio, o cinema, o holograma. Esse nosso supermarxismo então teria pouco a ver com o do 10 espaço cultural. Este super já seria simultâneo (tudo ao mesmo tempo) e à velocidade da luz isto é, a 300 mil km. por seg., onde a energia (outro estado da matéria) ondula em pacotes desiguais num Tempo e num Espaço relativos, passados, futuros e presentes ao mesmo tempo dependendo apenas da velocidade do espectador. Ora, isso muda tudo, o n01 já ao ser escrito um segundo depois na operação de um cálculo que lida com estes avançados espaços da mente-realidade, já é ou pode ser - 1 ou - 58 ou + 20777 isto é: no segundo seguinte o n.0 1 pode ser qualquer coisa. Essa instantaneidade, essa velocidade, a inversão da velocidade, ou a fixação dessa velocidade num momento eterno (presente) é uma capacidade que o século XX e o XXI conhecem até mesmo como tecnologia elaborada e aplicada, e não mais apenas fluidos mentais de filósofos hindus, mas a famosa práxis.

Pois bem, como será exatamente em termos sociológicos a descrição dessa incrível paisagem?

O próprio Karl Marx já se havia preocupado com o problema ao tentar iniciar a feitura da complementação do seu básico “Das Kapital” onde narra a paisagem da infra-estrutura, e neste segundo volume continuação adendo planejado mas não efetuado devido à morte Marx, se-

gundo ele mesmo, iria tentar descrever agora a paisagem da “super-estrutura” de sua filosofia, que nunca chegou portanto a formular, apenas a planejar longinquamente. Cabe-nos esta supercontinuação, tão distantes já do simples telégrafo e da máquina a vapor, já rodeados pelo incompreensível cinema, t.v., rádio-holograma etc, a cores instantâneas. Isso muda radicalmente tudo, ou não, digo dialéticamente, marxistamente, em direção a uma paisagem alucinantemente pós-einsteiniana? Como é sociólogos? Onde essa descrição de nosso cada vez mais misterioso cenário do séc. XX & XXI? Onde a selva cresce na medida de novas arquiteturas humanas de plástico, cidades, campos urbanizados, foguetes, satélites, energias domesticadas, e florestas produzidas pela ecologia.

E quanto a certas visões idiotizados em termos de arte e estética que se vêem por aí: o realismo social e que tais (proletkult, populismos, e outros preconceitos revestidos de ideologias totalitárias).

Marx amava a tragédia grega, relia-a todos os anos. Citava-a sem parar. Ao falar nela Marx nos diz que, perante a obra helena tirava uma satisfação e um significado sempre reais e atuais, portanto continua Marx, devia ter essa arte alguma contradição “eterna” inserida em suas veias.

Aí estranhamente a própria dialética histórica do movimento incessante em tom materialista deixava de existir. O milagre da arte? Seus limites ilimitados? Que visão genial e anti-qualquer enquadramento, que distância de qualquer ismo da idiotice contemporânea! A própria visão estética e artística que pseudamente iria brotar do “marxismo” como o Lukacs, estava invalidada logo de saída: se a visão pseudomarxista de Lukacs é calcada justamente no movimento histórico e dialético da arte como relação social: linear-sociológica constante? Marx designa a arte como possuidora de contradições “fundamentais”? “eternas”? Misteriosas por natureza e portadoras de significados por isso mesmo maiores? Heidegger. o poeta é o porta-estandarte do ser. Ele abre caminhos à frente da própria ciência. É o supremo desbravador da vanguarda. Isso é o Marx. Só é desigual aos ismos de todos os infantilismos não só do esquerdismo. mas de todos os ismos mundiais.

As fundamentais: os campos de concentração de Treblinka, Auschwitz, Dachau e Mathausen & a bomba atômica de Nagasaki e Hiroshima.

Não é em décadas mas em grande guerra que se inicia um ciclo: existencialismo, o último humanismo europeu que brotou entre o terror de esquerda e o de direita. Uma filosofia do perene absurdo. E o zen-budismo do Japão derrotado (americanizado) influencia os USA após-guerra. via Allan Watts, Suzuki e beat generation, com reflexos na epistemologia do aqui-agora e do instante, ambas presenças constantes do Instant Karma de Jimmi Hendrix e toda uma série de gerações hips e pós-hips no ocidente eletronicado e portanto devidamente ideogramizado e zenizado.

As peças fundamentais de nosso mundo histórico-político-filosófico estão em dois momentos da segunda guerra mundial: a existência do terror em sua práxis total e nihilista (com genocídios, terrores de todos os naipes, experiências, tratamento de gado e dosagem do anonimato e da relação abstrata de um sistema encarado como máquina-em-si chegou a fabricar) e nas 2 bombas atômicas jogadas em cima do Japão, inaugurando a fundamental tecnologia e espaço cultural determinante que viriam a dominar nossa vida e imaginação desde então, para o bem, assim como para o mal (mil usos da ciência nuclear, entrada no séc. XXI das viagens espaciais à energia nuclear, política da coexistência pacífica por causa da bomba A, mudança da psiquê profunda dos habitantes do planeta devido a isso, diferente em cada lugar do mesmo planeta, possibilidades fim, tudo num só lance, os satélites, novas estratégias, novo pensar, domínio da ciência sobre o militar-político-ideológico, etc., todas as gamas do futuro). Eis aí os 2 vetores fundamentais. E a ruptura de um momento histórico não se faz em décadas contadas automaticamente como recitação de aritmética linear, mas sim através da análise de pulsações da História, como um pulmão elíptico e elástico, relativo e einsteiniano, e verifica-se então, adotando-se este sábio e contemporâneo olhar científico que a História explode em ciclos não calculáveis aritmeticamente, porém, só intuíveis parapsicologicamente, ou então em termos de matemática espacial relativa, e ela nos diz que é entre as grandes convulsões que se dão os saltos, por exemplo após a 2ª grande guerra e agora, na entrada de Aquarius. Convulsões não são necessariamente guerras, podem ser guerras de alma, guerras culturais na zona da pura poesia e mudança de alma da população...

Que seja esse o modo e a entrada do momentum vindouro o tão falado do Aquarius, e pós-apocalíptico, já einsteiniano e cada vez mais per-

to dessa eternamente indefinível liberdade, que foge como uma pomba do infinito cada vez que a queremos explicar e inexplicavelmente (contradição antagônica) prender, no egoísmo da posse brutal.

X

Politika ou o novo político e / ou a nova política

O novo político será um político no velho sentido linear messiânico heróico e autocrático, mesmo que fundador de espaços culturais libertários, o novo homo politicus será uma espécie de transistor da comunidade, uma espécie de antena supersensível, um médium que será a ponte de comunicação entre os problemas de sua comunidade e a direção geral planetária gerida por comissões de cientistas, tecnólogos, militares, artistas, e computadores eletrônicos.

Os antagonismos de esquerda e direita foram superados neste admirável mundo novo do computer universal. A metáfora da Internacional tomou-se verdadeira não através de um socialismo messiânico mundial, mas sim através daquela máquina que foi a desencadeadora da própria revolução industrial e que inclusive criou o espaço cultural “marxista”, e que chegamos ao estágio em que essa própria máquina que criou a tecnologia e a industrialização atingiu seu momento de salto qualitativo e criou seu espaço cultural mais denso o do dinamismo einsteiniano da simultaneidade e da velocidade da luz e da força de gravidade.

Essa própria máquina atingiu agora sua linguagem própria, não depende mais (segundo o próprio Marx) de se vestir com as roupagens de épocas passadas para poder explicar-se. Não; agora está além de suas próprias perspectivas e fronteiras, pois que pisou no mundo do Universo em permanente movimento, substantivando o mistério, chamando-o de quasares, ondas de gravitação, átomos do pensamento, espaços da anti-matéria, coisas inimagináveis, coisas da cabeça de Deus.

A máquina que em sua vertiginosa escalada havia criado em seu arranque criador entre mil outras coisas, a filosofia social do marxismo, em menos de 4 décadas viu ultrapassado seu próprio ritmo e velocidade, chegando a inaugurar espaços culturais tão velozes e diferentes entre si que um mal reconhece o outro, os equívocos nascendo do fato de tão novas situações serem descritas por linguagens lineares, que estão todas

aquém e abaixo da capacidade requerida para descrever as tais novas situações que sem parar, a velocidade da luz e do átomo e a ciência através da tecnologia entregam à humanidade cada dia que passa, cada minuto que desaparece.

É nessa crença que vejo a entrada do ano 2.000 como entrada no mundo internacional planetário e dentro do qual o Brasil terá a imensa e profundamente poética missão de ser um dos maiores centros de energia vital criadora e alimentadora agropecuária mundial.

Neste mundo planetário, pós-marxista, einsteiniano, as coisas sucedem de maneira diferente, que intrigariam ao mais intrigante dos mistérios levantados pelos gregos ou pela Esfinge. Por quê? É porque se atingiu maior densidade poética e maior capacidade de criar e dominar energia em todos os sentidos.

Repito: não quero que pensem que eu ignore o sofrimento, como ignorá-lo? O que eu acho e que todos os instrumentos estão aí para acabar com todos os sofrimentos, principalmente os sofrimentos sociais, com seus anos contados por causa da tecnologia, que em seu auge está recriando a própria natureza que em certa etapa de sua História destruiu, agora reconstrói, engloba, absorve de maneira mais eficaz.